



INÍCIO > **INTERNACIONAL**

ÁFRICA OCIDENTAL

Níger é o quarto país do Sahel a passar por um golpe anti-Ocidente

País se junta ao Mali, Burkina Faso e Guiné no grupo que se rebelou contra o arbítrio ocidental no Sahel africano

Vijay Prashad | **Opera Mundi**
| 02 de Agosto de 2023 às 13:43



Soldados das Forças Armadas do Níger durante o exercício militar Flintlock, em conjunto com o Comando Africano dos EUA, em Agadez, em 2018 – Exército dos EUA

Às 3 horas da manhã do dia 26 de julho de 2023, a guarda presidencial do Níger **prende**u o presidente Mohamed Bazoum em Niamey, capital do país. As tropas, lideradas pelo general de brigada Abdourahmane Tchiani, fecharam as fronteiras do país e declararam um toque de recolher. O golpe de Estado foi imediatamente condenado pela **Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental**, pela **União Africana** e pela **União Europeia**. Tanto a França quanto os Estados Unidos, que têm bases militares no Níger, disseram que estavam acompanhando a situação de perto. Um conflito entre o Exército, que se posicionou a favor de Bazoum, e a guarda presidencial, chegou a ameaçar a capital, mas logo foi resolvido. Em 27 de julho, o general Abdou Sidikou

para **anunciar** que era o novo presidente do Conselho Nacional para a Salvaguarda da Pátria (Conseil National pour la Sauvegarde de la Patrie ou CNSP).

O golpe no Níger ocorre após golpes semelhantes no Mali (agosto de 2020 e maio de 2021), em Burkina Faso (janeiro de 2022 e setembro de 2022) e na Guiné (setembro de 2021). Cada um desses golpes foi liderado por oficiais militares revoltados com a presença de tropas francesas e americanas e com as crises econômicas permanentes infligidas a seus países. Essa região da África – o Sahel – tem enfrentado uma cascata de **crises**: a seca da terra em decorrência da catástrofe climática, o aumento da militância islâmica devido à guerra da OTAN na Líbia em 2011, o aumento das redes de contrabando para o tráfico de armas, pessoas e drogas pelo deserto, a apropriação de recursos naturais – inclusive urânio e ouro – por empresas ocidentais que simplesmente não pagaram adequadamente por essas riquezas e o enraizamento das forças militares ocidentais por meio da construção de bases e da impune atuação de seus exércitos.

Dois dias após o golpe, o Conselho Nacional para a Salvaguarda da Pátria (CNSP) **anunciou** os nomes dos dez oficiais que o liderarão. Eles vêm de todas as forças armadas, desde o Exército (general Mohamed Toumba) até a Força Aérea (coronel Major Amadou Abouramane), incluindo a Polícia Nacional (general-adjunto Assahaba Ebankawel). Já está claro que um dos membros mais influentes do CNSP é o general Salifou Mody, ex-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas e líder do Conselho Supremo para a Restauração da Democracia, que liderou o golpe de fevereiro de 2010 contra o presidente Mamadou Tandja e que governou o Níger até que o antecessor de Bazoum, Mahamadou Issoufou, vencesse a eleição presidencial de 2011. Foi durante o mandato de Issoufou que o governo dos Estados Unidos **construiu** a maior base de drones do mundo em Agadez e que as forças especiais francesas **guarneceram** a cidade de Irlit em nome da empresa de mineração de urânio Orano (anteriormente parte da Areva).

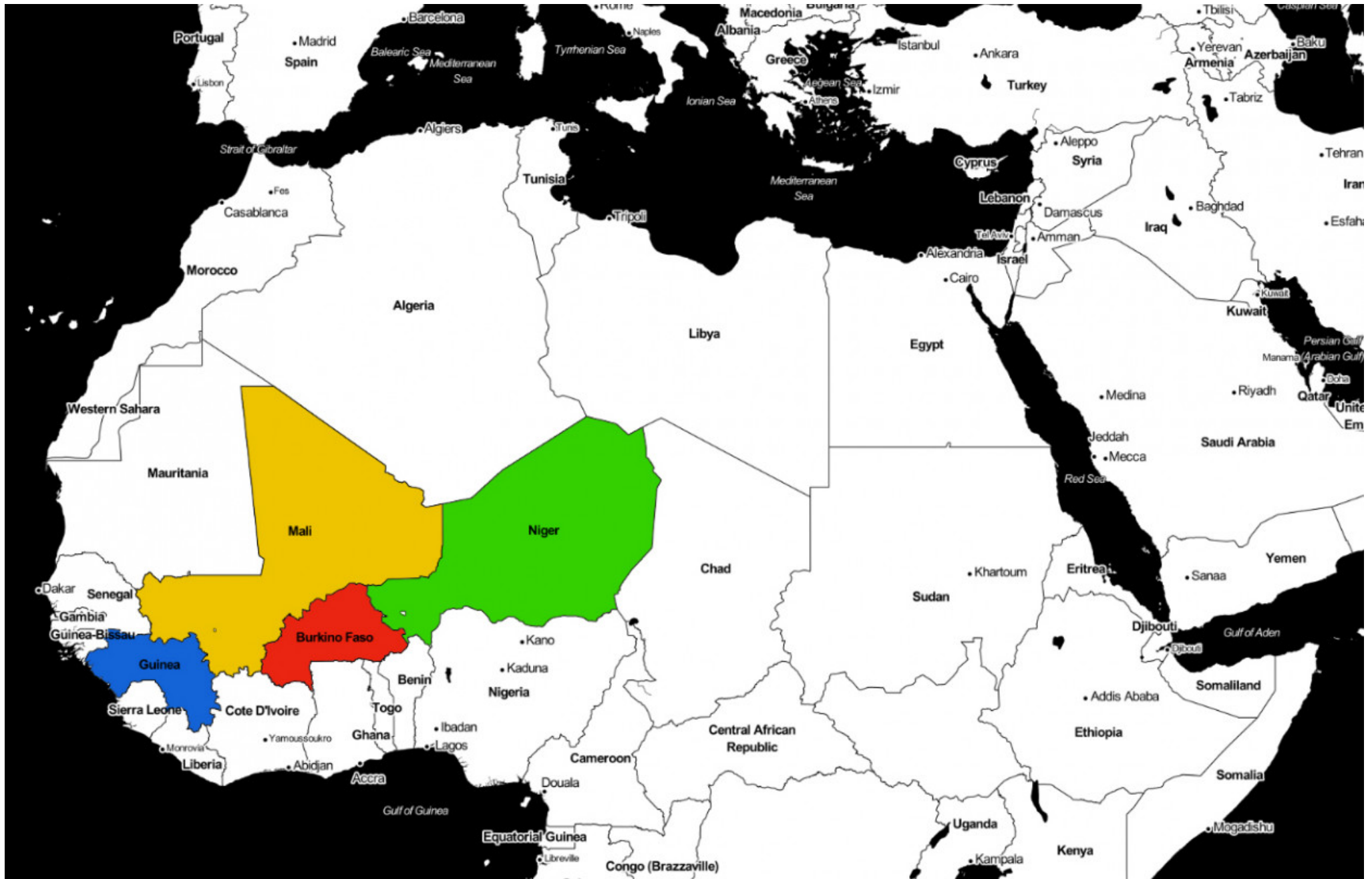
É importante observar que o general Salifou Mody é visto como um membro influente do CNSP dada sua ascendência sobre o Exército e seus contatos internacionais. Em 28 de fevereiro de 2023, Mody se reuniu com o Presidente do Estado-Maior Conjunto dos Estados Unidos, general Mark Milley, durante a Conferência dos Chefes de Defesa Africanos, em Roma, para **discutir** "a estabilidade regional, incluindo a cooperação contra o terrorismo e a luta contínua contra o extremismo violento na região". Em 9 de março, Mody visitou o Mali para se **reunir** com o coronel Assimi Goïta e o chefe do Estado-Maior do Exército do Mali, **general Oumar Diarra**, para fortalecer a cooperação militar entre o Níger e o Mali. Alguns dias depois, em 16 de março, o

imouy, em Niamey, e a voz que fala aos ouvidos do delegado-geral Tchamir, o chefe de estado em exercício.

A corrupção e o Ocidente

Uma fonte altamente informada no Níger nos diz que o motivo pelo qual os militares agiram contra Bazoum é que "ele é corrupto, um peão da França. Os nigerinos estavam fartos dele e de sua gangue. Eles estão prendendo os membros do sistema deposto, que desviaram fundos públicos, muitos dos quais se refugiaram em embaixadas estrangeiras". A questão da corrupção paira sobre o Níger, um país com um dos depósitos de urânio mais lucrativos do mundo. A "corrupção" de que se fala no Níger não se refere a pequenos subornos de funcionários do governo, mas a toda uma estrutura – desenvolvida durante o domínio colonial francês – que impede o Níger de estabelecer a soberania sobre suas matérias-primas e sobre seu desenvolvimento.

No centro da "corrupção" está a chamada "*joint venture*" [empresa conjunta] entre o Níger e a França, chamada Société des mines de l'Aïr (Somair), que é proprietária e opera o setor de urânio no país. Surpreendentemente, 85% da Somair pertencem à Comissão de Energia Atômica da França e mais duas empresas francesas, enquanto apenas 15% pertencem ao governo do Níger. O Níger **produz** mais de 5% do urânio do mundo, mas seu urânio é de altíssima qualidade. Metade das **receitas de exportação** do Níger provêm das vendas de urânio, petróleo e ouro. Uma em cada três lâmpadas na França é **alimentada** por urânio do Níger, ao mesmo tempo em que 42% da população do país africano vive abaixo da linha da pobreza. O povo do Níger tem visto sua riqueza lhes escapar por entre os dedos há décadas. Como marca da debilidade do governo, ao longo da última década, o Níger perdeu mais de 906 milhões de dólares em apenas 10 processos de arbitragem movidos por corporações multinacionais perante o **Centro Internacional para Solução de Disputas sobre Investimentos** e a **Câmara de Comércio Internacional**.



Países africanos que viveram golpes anti-Ocidente nos últimos anos: Guiné, Mali, Burkina Faso e agora Níger. (Imagem: OperaMundi / maps.stamen)

Quero apoiar o jornalismo popular



A França parou de usar o franco em 2002, quando passou a usar o sistema do euro. No entanto, quatorze ex-colônias francesas continuaram a usar a *Communauté Financière Africaine* (CFA) como moeda, o que dá imensas vantagens à França (50% das reservas desses países têm de ser mantidas no Tesouro francês e as desvalorizações francesas da CFA – **como em 1994** – têm efeitos catastróficos sobre os países que a utilizam). Em 2015, o presidente do Chade, Idriss Déby Itno, **disse** que o CFA "puxa as economias africanas para baixo" e que "chegou a hora de romper a corda que impede o desenvolvimento da África". Atualmente, fala-se em todo o Sahel não apenas sobre a retirada das tropas francesas – como ocorreu em **Burkina Faso** e no **Mali** –, mas também sobre o rompimento do domínio econômico francês sobre a região.

O novo não-alinhamento

Na Cúpula Rússia-África de 2023, em julho, o líder de Burkina Faso, o presidente Ibrahim Traoré, usou uma boina vermelha que lembrava o uniforme do líder socialista assassinado de seu país, Thomas Sankara. Traoré reagiu fortemente à condenação dos golpes militares no Sahel, e também a uma recente **visita** de uma delegação da União Africana ao seu país. "Um escravo que não se rebela não merece piedade", **disse ele**. "A União Africana deve parar de condenar os africanos que decidem lutar contra seus próprios regimes títeres do Ocidente."

Em fevereiro, Burkina Faso sediou uma reunião que incluiu os governos de Mali e Guiné. Na pauta está a criação de uma nova **federação** desses estados. É provável que o Níger agora seja convidado para essas conversas.

ESTUDOS FINANCEIROS DA UNIVERSIDADE KEITHLEY DA CHINA. ESCREVEU MAIS DE 20 LIVROS, INCLUINDO *THE DARKER NATIONS* E *THE POORER NATIONS*. Seus livros mais recentes são *Struggle Makes Us Human: Learning from Movements for Socialism* e (com Noam Chomsky) *The Withdrawal: Iraq, Libya, Afghanistan, and the Fragility of U.S. Power*.

(*) *Kambale Musavuli, natural da República Democrática do Congo (RDC), é uma importante voz política e cultural congoleza. Radicado em Acra, Gana, ele é analista de políticas do Centro de Pesquisa sobre o Congo-Kinshasa.*

(*) *Tradução de Pedro Marin.*

RELACIONADAS

Por que africanos queimam bandeira francesa e gritam 'Putin'

Após França condenar golpe no Níger, manifestantes depredam embaixada do país

Putin promete doar até 50 mil toneladas de grãos a países africanos



Todos os conteúdos de produção exclusiva e de autoria editorial do Brasil de Fato podem ser reproduzidos, desde que não sejam alterados e que se deem os devidos créditos.